



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e exploração da força de trabalho

TRABALHO, GÊNERO E TECNOLOGIAS: DESAFIOS E TENDÊNCIAS

SANDRA GONCALVES¹

RESUMO

Este artigo investiga o impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no trabalho das assistentes sociais do Instituto Federal de Goiás (IFG). A pesquisa foi realizada mediante uma abordagem bibliográfica e empírica. O estudo revelou que o teletrabalho mediado pelas TIC intensifica o controle sobre essas profissionais, tendo em vista o *home office* durante a pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: TIC. Trabalho. Serviço Social. Gênero.

ABSTRACT

This article investigates the impact of Information and Communication Technologies (ICT) on the work of social workers at the Federal Institute of Goiás (IFG). The research was conducted through a bibliographic and empirical approach. The study revealed that telework mediated by ICT intensifies control over these professionals, especially considering the home office during the Covid-19 pandemic.

Keywords: ICT. Work. Social Work. Gender.

INTRODUÇÃO

O modo de produção capitalista, conforme a chave analítica assumida nas pesquisas de Marx e Engels (1986), exige um revolucionar constante para produzir mais-valia². Os autores

¹ Instituto Federal de Goiás

² Dessa premissa, depreende-se que a acumulação do capital está intrinsecamente relacionada com a contradição histórica entre capital e trabalho. Para Marx (1983), esse processo deve ser analisado no contexto da composição orgânica do capital, tendo em vista que a própria dinâmica da produção requer a combinação dos meios de produção (trabalho morto) e da força de trabalho (trabalho vivo) para atingir seus objetivos. Conforme Harvey (2013, p. 131),



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

afirmam que “[...] a burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais” (Marx; Engels, 1986, p. 84-85). Essa lógica, ou seja, a necessidade de autoexpansão do capital, pode ser vista em várias manifestações do capitalismo moderno, dentre outras, no contínuo e acelerado avanço tecnológico de máquinas e tecnologias informacionais e digitais.

De acordo com Antunes (2023, p. 525),

[...] essa processualidade vem se expandindo ainda mais com o advento da denominada Indústria 4.0, propositura que nasceu na Alemanha e foi concebida para propiciar um novo salto tecnológico no mundo produtivo, a partir da ampliação das novas tecnologias de informação e comunicação. Sua implantação vem acarretando a intensificação ainda maior dos processos produtivos automatizados em toda a cadeia produtiva de valor, de modo que toda a produção e logística empresarial tornam-se cada vez mais controladas e comandadas digitalmente, nos espaços onde essa introdução seja possível e economicamente vantajosa.

Nessa dinâmica, na qual o capitalismo está em constante movimento e transformação para sua sobrevivência e expansão, ocorre a articulação do moderno, por exemplo, da inteligência artificial, com o arcaico. Por outro lado, essa articulação intensifica o binômio exploração e espoliação³ do conjunto da classe trabalhadora, especialmente da força de trabalho de mulheres, acentuando desse modo sua dimensão destrutiva. Assim, na sociabilidade do capital, ainda conforme Antunes (2023, p. 525), com

[...] a expansão generalizada dos *smartphones*, *ipads*, *iphones*, algoritmos, inteligência artificial, *big data*, “internet das coisas”, 5G, impressão 3D etc., o cenário que se desenvolve no mundo do trabalho parece ser “criativo” somente para algumas atividades no topo do assalariamento, nas atividades de ponta da indústria de *software*, onde se expandem atividades que dispõem de “capital cultural”, sendo que na base da pirâmide social, a constatação é oposta (grifo do autor).

Ainda sobre a estreita relação entre capital, trabalho e tecnologia, Pinto (2005, p. 49) afirma que “[...] o avanço tecnológico está ligado ao processo de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, do trabalho humano”. Depreende-se, assim, que o desenvolvimento e o

[...] o grau de exploração da força de trabalho tem estreita relação com os principais elementos da composição orgânica do capital”.

³ “Além das formas de exploração do trabalho na base destas atividades, ocorre também uma forma de espoliação, uma vez que, além de fornecer sua força de trabalho, os trabalhadores e as trabalhadoras são responsáveis pelos custos de compra ou alocação dos veículos, celulares, equipamentos (como as mochilas dos entregadores) [...] ampliando a dependência financeira para pagar pelos instrumentos de trabalho de deveriam ser fornecidos pelas empresas” (Antunes, 2023, p. 524-525).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

uso da tecnologia em distintas sociedades e em momentos históricos diversos têm provocado a reestruturação da produção e do trabalho, e a extinção, criação e reconfiguração de diversas profissões nas esferas pública e privada. Tais modificações promovem a invasão da privacidade, a retração dos direitos sociais, a evolução da burocracia impressa para a digital e as diferentes formas de governar, mantendo-se o viés da dominação.

Essa tríade capital, trabalho e tecnologia espalhou-se para outras dimensões da sociabilidade do capital, em consonância com outras transformações estruturais e conjunturais que irão promover reconfigurações no Estado e nas políticas sociais. Um exemplo são as reformas políticas, especialmente a contrarreforma do Estado promovida em 1995 pelo Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado. De acordo com Gonçalves (2023), em um primeiro momento o Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado (PDRAE) (Brasil, 1995), documento que orientou a contrarreforma de 1995, introduziu no âmbito do Estado o uso de tecnologias, tais como microcomputadores e redes internas (intranets), fundamentais para colocar em funcionamento os sistemas informatizados destinados a operacionalizar e controlar as atividades administrativas. Essas contrarreformas resultaram também em uma reconfiguração das políticas sociais, com uma intensa e profunda desregulamentação, privatização, mercantilização, plataformização e digitalização dos serviços públicos estatais.

Essa realidade exigiu dos setores dominantes que encontrassem saídas que permitissem a restauração do capitalismo em crise e viabilizassem o enfrentamento, mesmo que temporário, da queda do crescimento econômico e das barreiras que limitavam a sua expansão. Para tanto, intensificou-se a exploração e a precarização das relações e das condições de trabalho que incidiram “[...] sobre as profissões, suas áreas de intervenções, seus suportes de conhecimento e de implementação, suas funcionalidades” (Netto, 1996, p. 87).

METODOLOGIA

Como dito anteriormente, este artigo tem como base pesquisa da autora sobre as implicações das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no trabalho das assistentes sociais⁴ que atuavam no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), no contexto da contrarreforma do Estado brasileiro e da apreensão da totalidade das dimensões do trabalho no qual essas trabalhadoras se inseriam.

⁴ Na ocasião da pesquisa, apenas mulheres atuavam no IFG como assistentes sociais, por isso, o uso da referência feminina.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Ressalte-se que, ao longo da pesquisa, a essência do tema proposto inicialmente se manteve, mas, indubitavelmente, perpassou pela dinamicidade do tempo vivido e dos sujeitos envolvidos, tendo em vista que o processo de delimitação do objeto foi mediado pela crise estrutural do capital, que por sua vez agudizou a crise socioeconômica, política e pandêmica de Covid-19 em escala mundial e, por conseguinte, no Brasil.

Os apontamentos registrados no desenvolvimento da pesquisa impulsionaram a pesquisadora a adotar como principais procedimentos metodológicos: a) a revisão bibliográfica sobre o tema proposto; b) o levantamento e o estudo de documentos institucionais; c) a aplicação, por meio do *Google forms*, de questionário eletrônico semiestruturado a assistentes sociais e profissionais da área de gestão de pessoas que atuavam como membros da Comissão Nacional de Dirigentes de Pessoal (CNDP); d) a realização de entrevista on-line, com roteiro semiestruturado, com as assistentes sociais que, ao responderem ao questionário, manifestaram interesse de contribuir, livremente, para a pesquisa⁵.

O roteiro das entrevistas⁶ foi consolidado com perguntas estruturadas e semiestruturadas, agrupadas nos seguintes eixos: a) desafio do Serviço Social em face da intensificação do uso das TIC; b) trabalho remoto e sua inter-relação com o tempo de trabalho e de não trabalho, com o gênero e a distribuição das tarefas; c) pesquisa e uso das TIC para a apreensão e análise da realidade social, suas implicações e requisições.

Além das assistentes sociais⁷, membros da Comissão Nacional de Dirigentes de Recursos Humanos (CNDRH), dentre outros gestores, também participaram da pesquisa respondendo ao questionário e/ou como entrevistados. Para a pesquisa de campo, em especial para a coleta de dados e informações, foi utilizado um questionário organizado da seguinte forma: primeiro, buscou-se a caracterização geral do/a participante; segundo, levantaram-se os aspectos sociofamiliares; terceiro, indagou-se sobre a sociabilidade e a tecnologia no trabalho profissional; e por último, foram formuladas quatro perguntas abertas sobre tecnologia e trabalho.

⁵ As entrevistas foram previamente agendadas e gravadas, conforme autorização de cada participante, e realizadas pelo *Google Meet*.

⁶ O roteiro foi submetido ao pré-teste para a validação e dimensionamento do tempo de duração da entrevista, garantido com uma assistente social vinculada ao IF de outro estado e lotada na área de assistência estudantil.

⁷ No IFG, até a data da conclusão da pesquisa, havia sete frentes de trabalho que contavam com assistentes sociais: a) Coordenação Geral de Assistência ao Geral de Assistência Estudantil (CGAE); b) Coordenação de Assistência ao Estudante (CAE), criadas nos 14 campi do IFG; c) Coordenação de Recursos Humanos e Assistência ao Servidor (CRHAS); d) Coordenação de Assistência ao Servidor, localizada no campus Goiânia (CAS); e) Coordenação de Assistência ao Servidor, localizada na Reitoria; f) Coordenação de Capacitação e Desenvolvimento de Pessoal (CCDP); g) Subsistema de Atenção à Saúde do Servidor (Siass).

Antes de ser aplicado o questionário eletrônico, foram levantadas informações preliminares⁸ via documentos institucionais e planilha de Excel fornecida pela área de Gestão de Pessoas do IFG, o que possibilitou o acesso às assistentes sociais que, naquele momento, agosto de 2021, eram 25 profissionais efetivas. Em consonância com os critérios de inclusão e exclusão, alterou-se esse quantitativo para 22, tendo em vista que uma profissional se encontrava em exercício provisório; outra, em licença maternidade; e a pesquisadora, em licença para o doutorado.

Posteriormente à análise dos dados constantes nas referidas planilhas, o questionário foi concluído e enviado para 22 profissionais e, desse total, 14 responderam, e oito não se manifestaram. Logo depois do recebimento dos 14 questionários eletrônicos, a pesquisadora fez contato, via e-mail, com as 22 profissionais, convidando-as para participarem da entrevista, e oito delas aceitaram o convite.

A metodologia expressa o esforço de apreender os aspectos teórico-metodológicos do estatuto marxiano e da tradição marxista no sentido de obter os subsídios necessários para a condução do estudo. Para tanto, estabeleceram-se diálogos com Marx (1983, 1986, 2004) e demais autores de tradição marxista, tais como Antunes (2023), Harvey (2011, 2018) e Mészáros (2002), e pesquisadores do Serviço Social, a exemplo de Guerra (2002), Iamamoto (1999, 2009), Netto (1996) e Veloso (2012), dentre outros.

Problematizou-se ainda o trabalho que se processa nas reconfigurações e reorganizações que envolvem as redefinições de tempo, espaço, hierarquia, controle e gerenciamento de novos saberes, de relações interpessoais e sociais com os usuários, a equipe e os gestores; de instrumentais, formas e conteúdo; e de demandas, competências e atribuições, dentre outros. Além disso, analisaram-se a tecnologia e as práticas técnico-burocrático-gerenciais e informacionais que incidem sobre o trabalho das assistentes sociais do IFG.

A tese partiu da hipótese de que as transformações societárias e tecnológico-organizacionais, no contexto da crise estrutural do capital e da introdução das TIC, redefinem as rotinas de trabalho, os fluxos e os procedimentos e trazem implicações à dimensão técnico-operativa. E, ainda, que as formas de reorganização do trabalho das assistentes sociais

⁸ Assim como ocorreu com as entrevistas, também o questionário foi submetido a um pré-teste, objetivando explicitar possíveis lacunas quanto à forma e conteúdo das questões e, assim, assegurar validade, tempo adequado, precisão e coerência do objeto.

do IFG, por meio de novas modalidades de trabalho digital – remoto, em casa (*home office*), teletrabalho –, se encontram em processo de reestruturação e efetivação.

TIC e gênero: a sobrecarga de trabalho para a mulher

De acordo com Antunes (2023), o desenvolvimento do capitalismo “maquínico, informacional e digital” nas últimas décadas, sob a liderança do setor financeiro, tem buscado, incessantemente, aumentar a produtividade do capital, permitindo que as empresas ampliem seus lucros e intensifiquem a competitividade entre si. Em relação às instituições públicas, o autor afirma que, se “[...] anteriormente ofertavam serviços socialmente úteis, sem fins lucrativos, ao serem privatizadas, introduziram o lucro em seu *modus operandi*, tornando-se, inclusive, partícipes (direta ou indiretamente) do processo de valorização do capital” (Antunes, 2023, p. 513)

As transformações societárias e de crise estrutural do capital têm não apenas repercutido nas distintas profissões, sejam elas na esfera da produção, sejam no setor de serviços, como também redefinido os processos de trabalho coletivo. Todo esse contexto agudiza as formas de controle, bem como intensifica e precariza as condições e relações de trabalho, em particular o dos/as assistentes sociais que atuam na educação profissional.

Na esfera do trabalho, sobretudo, no tempo vivido, pôde-se experimentar o acelerado e intenso processo, ainda em andamento, de informatização e digitalização dos serviços e das atividades potencializada pelo avanço das TIC, em especial durante o tempo pandêmico de Covid-19, ou seja, no período de 2020 a 2022. Esse momento requisitou um distanciamento social como medida de contenção da epidemia, do qual decorreu tanto a reorganização da vida em sua totalidade como da gestão da força de trabalho, cuja finalidade não se distanciou da extração de excedentes para a produção, reprodução e acumulação de capital.

No cenário pandêmico, o trabalho de diversas categorias profissionais, dentre elas, a de assistentes sociais, passou a ser realizado em casa e com o uso do aplicativo *WhatsApp* como principal meio de comunicação com gestores e público-alvo. Ressalte-se, entretanto, que as interações via aplicativo conformam-se a perguntas e respostas imediatas e requerem concentração na formulação aligeirada de ambas, o que tem levado o/a profissional à exaustão física e mental, e à busca de autocontrole, uma vez que tem de se manter à disposição da instituição diuturnamente. Além disso, como assinala Hirata (2022, p. 8-9),

A pandemia mostrou a centralidade do cuidado em nossa vida e a importância do trabalho de cuidado no funcionamento da sociedade como um todo. No momento de globalização do



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

coronavírus, constatamos a centralidade do cuidado face à vulnerabilidade do ser humano. A afirmação segundo a qual o cuidado se aplicaria apenas aos seres dependentes parece desprovida de sentido. A ideia de que somos todos vulneráveis em um momento qualquer de nossa vida – e interdependentes – adquire atualidade. A pandemia também mostrou a vulnerabilidade das pessoas cuidadoras e as repercussões sobre a sua saúde.

Ainda durante o isolamento social, nos casos em que o trabalho era passível de ser realizado em casa, “[...] os/as trabalhadores/as viram-se diante da dificuldade de conciliá-lo com as tarefas domésticas e de cuidados (atenção aos filhos, idosos, pessoas adoentadas etc.), o que trouxe uma sobrecarga, principalmente para as mulheres” (Gonçalves, 2023, p. 196). Soma-se a isso a transferência dos custos do *home office* às trabalhadoras, conforme pontua Baru⁹, uma das entrevistadas da pesquisa:

“Primeiro, a gente não tinha as condições de trabalho, [...] sendo as mais precárias possíveis; a gente não tinha uma mesa apropriada, uma cadeira, um computador. Assim, como estava tudo muito conturbado, nós trabalhamos o dia inteiro, às vezes até à noite. Então, essa carga horária era estendida mesmo. Depois desse primeiro susto, nós conseguimos ir adequando [...], eu percebi que as assistentes sociais estavam ali o tempo todo, manhã, tarde e noite [...]. Na Reitoria, a gente conseguiu organizar. [...]. Depois de um tempo, a Reitoria começou a disponibilizar os equipamentos e isso melhorou um pouco, mas, de todo modo, a gente precisou criar alguns espaços, por exemplo, na minha casa não tinha escritório específico para isso, tivemos que improvisar no quarto, na sala, foram investimentos também. Às vezes uma mesa, uma cadeira e por aí vai, mas teve esses problemas das condições de trabalho, da gente não ter um horário assim específico, fechado, [...], mas a gente viu que não estava dando [...]. Nos campi, me parece que até hoje está assim. Essa loucura de tentar organizar todo esse trabalho”.

Os dados resultantes do questionário (2022) revelaram que os gastos durante a pandemia de Covid-19

[...] tiveram implicações no orçamento familiar: aumento do valor da energia elétrica (11) e da conta de água (8); compra de mobiliários, tais como mesa, cadeira, ventilador/ar-condicionado (8); aumento da conta de internet (5); compra de computadores (*laptops, notebooks*) (4); reformas de infraestrutura para adequação às rotinas de trabalho (2). Os dados mostraram ainda que o impacto no orçamento foi significativo, pois o custo médio dos gastos com o trabalho em casa foi de R\$ 1.000,00 a R\$ 3.000,00 (Questionário, 2022).

Foi constatado ainda que, com as TIC, não existem barreiras entre o público e o privado, como também não há no controle do tempo. Sob a lógica do gerencialismo, agudiza-se o controle, bem como a intensificação e precarização das condições e relações de trabalho e de outras

⁹ Na pesquisa empírica, a escolha dos pseudônimos atribuídos às participantes advém da experiência da autora, durante a escrita da tese, de experimentar a vivência no campo, na região centro-oeste do estado de Goiás, possuidora de uma vegetação típica do cerrado, com suas árvores de caules retorcidos e raízes longas, com uma diversidade de frutos de sabores e denominações exóticas: cagaita, murici, mangaba, cajuzinho, pequi, baru, araticum, buriti e graviola, jatobá. Esses foram, portanto, os nomes escolhidos para nomear as entrevistadas.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

dimensões da vida dos/as assistentes sociais, sobretudo, como visto anteriormente, das mulheres que atuam na educação profissional.

A pesquisa empírica, realizada na modalidade remota com o uso das TIC, possibilitou a captura, ainda que embrionária e em curso, da reorganização da rotina de trabalho no IFG e, em especial, a das assistentes sociais. Constatou-se, ainda, que essa reorganização se expandiu também para as suas vidas privadas, familiares e a outras dimensões do ser social, que foram atravessadas pela intensificação das TIC e pelas crises socioeconômica, política e pandêmica. Desse modo, foram apreendidas as principais tendências e os desafios suscitados à profissão no pós-período pandêmico e durante o trabalho remoto. Além disso, a vida no âmbito social também foi afetada pelas condições do exercício profissional, como explica outra entrevistada:

“O trabalho acontece em casa, então, fica muito difícil definir: ‘Trabalhei de 8 horas às 14 horas’. Nesse horário, chega alguém no seu portão, [...], você se levanta para fazer sua comida, tomar café. [...], mas estava assim: eu levantava, vinha aqui, fazia um monte de coisas, fazia o meu almoço, trabalhava quatro horas, aí à tarde eu me sentava [...] aqui no computador [...] quando você vê, são 10 horas da noite. Porque você está respondendo e-mail, fazendo uma arte, uma divulgação, conferindo a inscrição de tal curso que começa segunda-feira; quando você vê, está trabalhando na sexta, no sábado, no domingo [...]. Aí, tem que ter muito cuidado, as pessoas não têm consciência que isso é trabalho, mas é trabalho, sim. Porque eu estou respondendo perguntas. ‘Ah, eu poderia deixar para depois?’ Talvez! Talvez, se eu deixar para depois, eu vou atrasar e complicar as coisas e criar problemas. Se você está no presencial, ligaria no fixo, chegou seu horário, você desliga o computador e vem para casa. [...]. No remoto, infelizmente fica isso, porque no trabalho remoto, dependendo do seu cargo, de onde você está, o seu trabalho e a sua casa misturaram seu tempo de casa e seu tempo de trabalho. [...]. Na coordenação, vem tudo para o WhatsApp pessoal e, mesmo que coloque: ‘Responderei em tais horas’, ainda recebe uma mensagem às 6 da tarde, às 7 da noite. [...]. Ao trabalhar em casa, fiquei muito sem horário”. (Pequi, 2022)

O controle do trabalho mediado pelas TIC também se manifesta na relação cotidiana entre a dimensão do público e do privado, quando a conexão tecnológica ultrapassa barreiras e alcança a privacidade sociofamiliar. O uso de câmeras e o envio de mensagens, via aparelho *smartphone*, a qualquer hora do dia ou da noite rompem as barreiras de tempo e espaço que até então garantiam a privacidade.

Esse controle leva à sobrecarga de trabalho, em especial para mulheres que têm uma tripla jornada imposta pela histórica desigualdade de gênero, no que tange às tarefas do cuidado, dos afazeres domésticos, da educação dos filhos, e que foram potencializadas com a intensificação do uso das TIC. Tendo em vista que no período pandêmico de Covid-19 o trabalho das assistentes sociais do IFG se restringiu ao remoto, realizado no domicílio das profissionais, as demandas advindas do âmbito familiar, somadas às exigências laborais, implicaram uma



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sobrecarga para essas trabalhadoras. Essa realidade encontra-se retratada no trecho selecionado da entrevistada Baru e indica a sua preocupação excessiva em buscar respostas:

“[...] pensar essa reestruturação do trabalho e de também pensar nessas ferramentas, nesses instrumentais como se adequaria a essa realidade, foi exaustivo para nós, tentar encontrar essa dinâmica. E sem falar da precarização mesmo do nosso trabalho, porque nós ficávamos envolvidas no grupo de WhatsApp, que era a forma mais rápida de acesso, de encaminhamentos, de orientações”.

Considera-se que as relações sociais de gênero são reeditadas e sustentadas na atualidade segundo uma configuração em que cabe às mulheres os afazeres domésticos, apesar de reafirmar-se que as atividades desenvolvidas em casa são atribuições de homens e mulheres. Além disso, a mulher defronta-se historicamente com as condições desiguais de gênero na divisão racial e sexista do trabalho. Não por outro motivo, afirma Cisne (2004, p. 98): “[...] faz-se imprescindível relacionar a luta das mulheres como um movimento legítimo contra as desigualdades, na e com a luta da classe trabalhadora”. A esse respeito, pontua Huws (2017, p. 117):

O lar [nos anos de 1980] era amplamente considerado como o lugar não do lazer, como era para os homens, mas da opressão. Na literatura feminista, era o local onde as mulheres estavam trabalhando, obrigatoriamente, 24 horas por dia, sem salários, para servir a seus maridos, crianças, doentes ou idosos, onde não tinham nenhum espaço privado e poderiam, se casadas, ser estupradas impunemente. As mulheres que não podiam escapar dessa relação provavelmente sofreriam depressão, perda de autoestima e de autoconfiança. Frequentemente, o lar era comparado a uma prisão.

É importante mencionar que a pandemia e a estratégia protetiva de distanciamento social evidenciaram e contribuíram para agudizar a intensificação das tarefas que historicamente são delegadas às mulheres trabalhadoras, que tiveram de transpor para o espaço privado, ou seja, para o âmbito familiar, o trabalho que era exercido fora dele.

Essa intensificação do trabalho feminino também reverbera na interação e sociabilidade familiar e na dinâmica da vida privada, pois a demanda por mais horas do que aquelas exigidas pelo trabalho presencial impacta a saúde física e psíquica das mulheres trabalhadoras. As configurações do contexto, em especial do pandêmico, conforme já tratado, é também acompanhado de uma significativa expansão do uso das tecnologias de informação e comunicação. Sobre essa expansão, Gama *et al.* (2024, p. 104) afirmam que a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

[...] massiva incorporação das TICs, no caso das mulheres, amplia os tensionamentos entre as esferas pública e privada, do trabalho e da vida familiar, tornando opacas essas fronteiras e aumentando a carga de trabalho feminino. O trabalho a domicílio não é novo para as mulheres inseridas em setores industriais como o têxtil e outros que trabalham por peças ou por tarefas, no entanto, as novas TICs expandem esse formato para outras áreas incidindo mais amplamente sobre um maior número de empregadas.

As mulheres enfrentam uma sobrecarga ao tentar administrar múltiplas tarefas domésticas e profissionais, intensificada pelo número reduzido de profissionais disponíveis. As interações rápidas e constantes por aplicativos exigem concentração e respostas imediatas, levando à exaustão física e mental e à necessidade de autocontrole contínuo. A pesquisa revelou a invisibilidade da desigualdade na relação de gênero e que as sujeitas da pesquisa tinham uma rotina de cuidado com os membros da família que se intensificou com o avanço das TIC.

CONCLUSÃO

O estudo evidenciou que o avanço das TIC, cujo uso foi intensificado durante a pandemia de Covid-19, exacerbou as desigualdades de gênero no trabalho, especialmente para as mulheres. O avanço do capitalismo digital, com a introdução do objetivo do lucro em instituições públicas e a digitalização dos processos de trabalho, levou a uma intensificação e precarização das condições de trabalho. O teletrabalho, mediado por tecnologias como o WhatsApp, diluiu as fronteiras entre o público e o privado, exigindo disponibilidade contínua das trabalhadoras, o que resultou em uma sobrecarga física e mental, particularmente para as assistentes sociais que atuavam na educação profissional.

Durante a pandemia, o trabalho realizado em casa trouxe novos desafios, por exemplo, a necessidade de conciliar o trabalho profissional com as tarefas domésticas e de cuidado, tradicionalmente atribuídas às mulheres. A falta de estrutura adequada e a transferência para as trabalhadoras dos custos para adequarem suas casas às exigências do *home office*, tais como disporem de mesas e cadeiras apropriadas, contribuíram para a precarização do trabalho. As TIC tornaram-se ferramentas essenciais, mas também amplificaram o controle sobre o trabalho, estendendo-o para além do horário de expediente e invadindo a vida privada.

As entrevistas realizadas durante a pesquisa de origem deste artigo destacaram a exaustão e o autocontrole exigidos das assistentes sociais ao tentarem equilibrar as múltiplas demandas do trabalho e da vida familiar, evidenciando a invisibilidade das desigualdades de gênero. A pandemia intensificou as tarefas de cuidado e as responsabilidades domésticas, agravando ainda mais a sobrecarga de trabalho das mulheres. A pesquisa concluiu que as TIC, ao invés de facilitarem o trabalho, têm perpetuado e agravado as desigualdades de gênero, colocando as mulheres em uma posição de desproteção dentro e fora do ambiente de trabalho.

Além da desigualdade de gênero, é salutar atentar para o recrudescimento da tecnificação do trabalho ao não reportar às dimensões constitutivas do exercício profissional, o que pode levar à naturalização de tarefas pontuais, por demanda, padronizadas e destituídas ou empobrecidas de conhecimento teórico-metodológico e ético-político.

Há de se ressaltar, contudo, que as condições de trabalho nas quais os/as assistentes sociais se encontram não afetam o indivíduo isoladamente, e sim a profissão como um coletivo, ou seja, é um sofrimento para toda a categoria. Se a precarização é coletiva, não atinge apenas



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

um sujeito ou um determinado espaço sócio-ocupacional; a saída, portanto, também deverá ser coletiva e consolidada mediante uma reorganização política.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Uberização do trabalho e capitalismo de plataforma: uma nova era de desantropomorfização do trabalho? **Análise Social**, n. 58, v. 248, p. 512–532, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2023248.04/>. Acesso em: 05 jun. 2024.

BRASIL. Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). **Perfil de assistentes sociais no Brasil: formação, condições de trabalho e exercício profissional**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1922/>. Acesso em: 5 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado (MARE). **Plano Diretor da Reforma do Estado. Brasília. 1995**. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/fhc/plano-diretor-da-reforma-do-aparelho-do-estado-1995.pdf/>. Acesso em: 13 jun. 2024

GAMA, Andréa de Sousa *et al.* Não somos empreendedoras, somos precarizadas: os impactos da reforma trabalhista sobre o emprego das mulheres - reflexões a partir de uma perspectiva de gênero e raça. *In*: GAMA, Andréa de Sousa; SILVA, Ana Paula Procópio da. **Gênero, família e trabalho: questões atuais para o serviço social**. Curitiba: CRV, 2024. p. 104-117.

GONÇALVES, Sandra Lúcia. **Tecnologia da Informação e Serviço Social: Trabalho da Assistente Social no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás**. Tese (Doutorado em Serviço Social). Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.

GUERRA, Yolanda. **Instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2002.

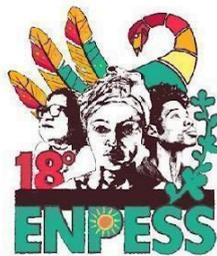
HARVEY, David. **O enigma do capital: as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HARVEY, David. **A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Para entender o capital**. São Paulo, SP: Boitempo, 2013.

HIRATA, Helena. **O cuidado: teorias e práticas**. São Paulo: Boitempo, 2022.

HUWS, Úrsula. **A formação do cibertariado: trabalho virtual em um mundo real**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade**. Trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 1999.

IAMAMOTO, Marilda Villela. Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social. *In*: CFESS (org.). **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: Cfess/Abepss, 2009. v. 1.

MARX, Karl. **Capítulo VI inédito de O Capital, resultados do processo de produção imediata**. Bibliografia. 2 ed., São Paulo: Centauro, 2004.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboço da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **O Capital** – Crítica da Economia Política. Livro primeiro, tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Ed. Novos Rumos. 1986.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social: Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. *In*: **Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 50, p. 87-132. 1996.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2005.

VELOSO, Renato. **Tecnologias da informação e da comunicação: desafios e perspectivas**. São Paulo: Saraiva, 2012.